



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10965 - Resumo Expandido - Trabalho - 4ª Reunião Científica da ANPEd Norte (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 04/GT 12 -Didática, Currículo e Tecnologias Digitais

O PAPEL DA ESCOLA EM TEMPOS DE MODERNIDADE LÍQUIDA: DESAFIOS DA EDUCAÇÃO EM UMA SOCIEDADE CONSUMIDORA

Suzy Chrystine Vasques Guedes - UFAM - Universidade Federal do Amazonas

Victor José Machado de Oliveira - UFAM - Universidade Federal do Amazonas

Natalia dos Reis Martins - UFAM - Universidade Federal do Amazonas

MODERNIDADE LÍQUIDA E EDUCAÇÃO: DESAFIOS E TENSÕES DAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS EM UMA SOCIEDADE CONSUMIDORA

De acordo com o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2001; 2009), a vida moderna se inicia com a Revolução Industrial e com a Revolução Francesa em paralelo com o Capitalismo. Caracteriza-se como um processo histórico permeado por mudanças constantes, estando dividido em dois momentos: Modernidade Sólida e Modernidade Líquida.

Nos termos do autor, a modernidade sólida está relacionada a um tempo caracterizado pela rigidez e solidificação das relações humanas, das relações sociais, da ciência e do pensamento, em que os valores se transformavam em ritmo lento e previsível. Possui características duráveis, firmes, estáveis e previsíveis nos âmbitos de trabalho, ocupação, religião, educação e relações, possibilitando algumas certezas e a sensação de controle sobre o mundo – sobre a natureza, a tecnologia, a economia, por exemplo (BAUMAN, 2001, 2009).

Em contraposição, a modernidade líquida, conforme seu nome sugere, está associada à volatilidade dos líquidos, em que tudo se move com facilidade e as instituições, as ideias e as relações sociais se transformam de maneira muito rápida e imprevisível. Teve início entre 1980 e começo do Século XXI e apresenta como características as seguintes: fluidez, incerteza, realidade maleável, relações pouco duráveis, imprecisão e individualidade (BAUMAN, 2001; 2007).

Assim, se a vida pré-moderna presumia a duração de todas as coisas, exceto a vida mortal, a vida líquido-moderna pressupõe a transitoriedade universal, a fluidez instantânea

das coisas, dos conhecimentos, das relações humanas. “Tudo nasce com a marca da morte iminente e emerge da linha de produção com o ‘prazo de validade’ impresso ou presumido” (BAUMAN, 2013, p. 22). Diferentemente da segurança e da estabilidade que prevaleciam na modernidade sólida, o ritmo incessante das transformações gera angústias e incertezas e dá lugar a uma nova lógica, pautada pelo individualismo e pelo consumo, contrapondo-se aos padrões sociais de outrora (BAUMAN, 2001).

Almeida, Gomes e Bracht (2009), descrevem um deslocamento da “ética do trabalho” para a “vida para o consumo”, em que: “sai de cena o indivíduo produtivo e entra em seu lugar o colecionador de sensações, impulsionado pela pragmática do comprar. (ALMEIDA; BRACHT, 2009, p. 35, grifos do autor). Nas palavras de Bauman (2009, p. 16-17): “A vida líquida é uma vida de consumo. Ela projeta o mundo e todos os seus fragmentos animados e inanimados como objetos de consumo (...). Esses objetos têm uma expectativa de vida útil limitada e, uma vez que tal limite é ultrapassado, se tornam impróprios para o consumo”.

Percebe-se, assim, que com a transição da modernidade sólida para a modernidade líquida, foram observadas diversas modificações na organização social, dando origem a uma nova lógica, pautada pelo individualismo e pelo consumo, resultantes das transformações sociais e econômicas trazidas pelo capitalismo globalizado.

Com o advento da globalização, o processo formativo do ser social por meio do trabalho acaba por ser negligenciado, já que os conhecimentos não são transmitidos com a sua verdadeira significância social. Com efeito, “os aparatos tecnológicos e suas constantes inovações e aperfeiçoamentos demandam que os trabalhadores e trabalhadoras sejam flexíveis e que aprendam com rapidez” (BALISCEI; CALSA; STEIN, 2016).

Consequentemente, essas mudanças repercutiram na esfera da educação. Se na modernidade líquida, o foco das instituições de ensino estava na reprodução da ordem social e em capacitar seus estudantes para o mercado de trabalho, na modernidade líquida, esses pressupostos epistêmicos passaram a não mais ser suficientes na condução do processo pedagógico.

Sob a ótica da modernidade líquida, uma educação pautada em uma doutrina estática, operada mediante a transmissão maciça de conteúdos rígidos em prol da formação de sujeitos aptos para uma sociedade produtora, não mais se adequa aos anseios de uma sociedade consumidora. Verifica-se, destarte, uma mudança de paradigma no que se refere aos pressupostos epistêmicos que orientam a educação.

Sendo assim, o presente estudo teve por objetivo analisar as principais mudanças ocorridas no âmbito da educação em tempos de modernidade sólida, considerando-se a formação docente para esse novo cenário. Para tanto, optou-se pela realização de pesquisa qualitativa, materializada mediante realização de pesquisa bibliográfica dentre os estudos considerados pertinentes à temática, a fim de investigar os principais reflexos da modernidade líquida nos processos educativos, seus desafios e tensões.

Sobre o assunto, Almeida, Gomes e Bracht (2009) sustentam que, durante a modernidade sólida, os saberes e aprendizados eram concebidos com visitas à um mundo ordenado e, portanto, promovidos para durar “a vida toda”. Ou seja, a escola moderno-sólida tinha como metas a criação de perspectivas de longa duração, baseadas em um processo educativo indiferente à novidade, ao acaso e à ordem, alimentando seus aprendizes com uma *educação para toda a vida*. Tratava-se, assim, de fomentar um conhecimento durável, proporcional à lógica do mercado produtor, em que os conhecimentos eram transmitidos de forma estática e ordenada.

Porém, não é o que ocorre na sociedade líquido-moderna. A educação antes concebida como um produto, a ser adquirido e conservado imperecível e permanentemente ao longo da vida, entre em declínio, não mais corroborando a relevância da educação escolarizada que imperava na modernidade sólida (ALMEIDA; GOMES; BRACHT, 2009). O consumismo que rege a sociedade contemporânea não aceita mais o acúmulo de conhecimentos estáticos como a habilidade padrão para o mercado de trabalho.

Nas palavras de Furlan e Maio (2016, p. 287): “A educação, inserida no contexto da Modernidade Líquida, segue o modelo do mercado, ou seja, a antiga sabedoria perdeu seu valor pragmático e as pessoas preocupadas com a aprendizagem e sua promoção tiveram que mudar seu foco de atenção”.

Portanto, conforme prediz Bauman (2010, p. 49), “‘flexibilidade’ é a palavra de ordem” do momento em que vivemos, em particular desde a segunda metade do século 20, se constituindo como um dos pilares da sociedade líquido moderna e se apresentando como uma das características necessárias aos indivíduos para sobreviverem à instabilidade do tempo presente.

Para Lima (2010, p. 02), esse cenário de fragmentação teórica, social, econômica, cultural, repercute sobre cenário educacional, culminando na “destituição dos alicerces de estabilidade do discurso pedagógico que sustentam práticas educacionais escolares, sejam elas consideradas progressistas ou conservadoras”.

Isso significa que, diante das exigências mercadológicas atuais, o conhecimento acumulado já não é uma garantia de sucesso. A educação já não provê esse conhecimento que, conseqüentemente, geraria uma mobilidade social ascendente. O mercado de trabalho para portadores de diploma está encolhendo. Bauman (2010; 2013) afirma que estamos num momento em que talvez haja uma primeira geração realmente global, a geração “Ni-Ni” (nem emprego nem educação).

Em entrevista, Zygmunt Bauman fala que não há como voltar à situação em que o professor é o único conhecedor, a única fonte, o único guia: “[...] a vida de consumo é uma vida de aprendizado rápido... e imediato esquecimento” (BAUMAN, 2011, p. 151). O tipo de arranjo social consumista, acelerado, cambiante e emoldurado para a expansão do progresso econômico da sociedade, agora determina uma educação ancorada na perspectiva da oferta

massiva de informações.

Nesse contexto, deve-se considerar que a rotatividade que permeia o mundo da informação incide diretamente na aquisição do conhecimento, de modo que, em razão da velocidade com que o conhecimento é produzido, o anterior rapidamente torna-se obsoleto e, por consequência, o recém-criado está predestinado a envelhecer ainda mais ligeiro. A fugacidade e a volatilidade tão características da sociedade moderno-líquida exigem que cada episódio que se sucede, implique em novas competências e conhecimentos que, por seu turno, inviabilizam e desatualizam as competências e conhecimentos anteriores.

Os conhecimentos escolares parecem dissolver-se no mesmo momento em que são aprendidos contrapondo-se à concepção de escola da modernidade sólida que busca a permanência e a durabilidade dos conteúdos. A sociedade líquido-moderna tende a considerar como conhecimento o domínio superficial de informações, que nem sempre são integradas (MANFIO; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2016).

Também, para Furlan e Maio (2016), estamos vivenciando notáveis modificações no campo da educação e no próprio significado do conhecimento e na sua forma de produção, distribuição, aquisição, assimilação e utilização. Neste sentido, a educação precisa não apenas alimentar os alunos com conteúdo, mas sim com o pensamento crítico, capaz de reverter modelos hoje inábeis de dar conta de dialogar com o cenário atual (ALFANO, 2015).

Por conseguinte, da “Educação para toda a vida” do mundo sólido passa-se para a “educação ao longo da vida”, do mundo líquido, requerendo o abandono de uma organização cristalizada em prol de um funcionamento dinâmico em constante adaptação e transformação. Uma escola que capacite para a adaptação a contextos cambiantes (PORTELA; MEIRINHOS, 2021). As aprendizagens, para serem úteis, devem ser contínuas e em tempo integral, ou seja, toda a vida.

Vale destacar, ainda, que o crescimento das crianças em uma era digital instantânea de modernidade líquida é bastante diferente do comportamento das crianças na modernidade sólida, conforme Portela e Meirinhos (2021, p. 86): “As crianças não são apenas expectadoras dessa realidade, são influenciadas por ela e também influenciam e modelam uma sociedade cada vez mais fluída”. Nessa mesma direção, Nunes e Martins (2012, p. 6) revelam que os estudantes contemporâneos apresentam vivências diferentes de outras gerações, “pois suas experiências são intermediadas por avançadas tecnologias apresentadas em narrativas televisivas, pela publicidade, por filmes e vídeos, por jogos eletrônicos e pela internet”.

De fato, educar para viver numa sociedade saturada de informações e de futuro imprevisível e em constante transformação ainda vai requerer um grande esforço dos sistemas educativos. Conforme preconizam Baliscei, Calsa e Stein (2016), os conteúdos dos programas escolares tendem a ser fixos, inquestionáveis e pouco problematizados, cujo pressuposto é sua memorização e certeza de uso no futuro pessoal e profissional de todos os estudantes.

Em um mundo volátil como o nosso, de mudanças instantâneas e erráticas, os hábitos, esquemas e preferências sólidos e estáveis, objetos da educação ortodoxa, transformam-se em desvantagens (BAUMAN, 2010). Para o autor, uma reforma das estratégias educacionais, por mais brilhante e ampla que seja, pode muito pouco ou quase nada nesse caso, pois foi o mundo fora da escola que mudou muito em relação ao tipo de mundo para o qual as escolas estão formando.

Autores como Steinberg; Kincheloe (2001), chamam atenção para o fato de que, geralmente, o currículo escolar é organizado como uma sequência contínua de experiências desenvolvidas como se as crianças aprendessem sobre o mundo na escola, num desenvolvimento progressivo, desconsiderando outras esferas. Nesta mesma senda, Portela e Meirinhos (2021, p. 89), destacam que “a aprendizagem no mundo líquido contradiz a verdadeira essência da educação centrada na escola tal como a conhecemos, baseada num processo de aprendizagem sequencial e estruturado, assente num programa curricular rígido”.

Nas condições atuais, a entidade educacional não dialoga com a sociedade líquido-moderna, haja vista que o mundo do lado de fora das escolas, cresceu diferente do mundo em que elas estavam preparadas para educar os estudantes. Por certo, não há que se falar em uma escola líquido-moderna enquanto o sistema educacional encontra-se mergulhado em parâmetros e diretrizes construídos e consolidados na era sólido-moderna. Perde-se, assim, o papel transformador da escola: em vez de formar cidadãos que recuperem o espaço público do diálogo e seus direitos democráticos, pois um cidadão ignorante das circunstâncias políticas e sociais nas quais está inserido será totalmente incapaz de controlar o futuro destas circunstâncias e o futuro de si mesmo (BAUMAN, 2007).

Sendo assim, a organização escolar precisa se adaptar para contemplar essa nova conformação histórico-social, conforme sugerem Furlan e Maio (2016, p. 287): “É preciso desenvolver o talento de aprender depressa e a capacidade de esquecer instantaneamente o que foi aprendido. As informações envelhecem rapidamente, o conhecimento torna-se eminentemente descartável”.

Finalmente, diante de todo o exposto, conclui-se que a problemática e a complexidade da modernidade líquida, principalmente no campo educacional, nos remetem a repensar as práticas educacionais, e acima de tudo despertar o pensamento crítico no aluno, para que este possa além do campo escolar, saber viver em sociedade. Como Bauman mesmo nos fala: “Uma coisa certa é que, num cenário líquido, rápido e de mudanças imprevisíveis, a educação deve ser pensada durante a vida inteira. O resto vai depender de nossas escolhas dentro do que é possível para essa obrigação” (BAUMAN, 2015, p. 01).

Palavras-Chave: Modernidade Líquida. Educação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. Q.; GOMES, I. M.; BRACHT. **Bauman e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

BALISCEI, J. P.; CALSA, G. C.; STEIN, V. Trabalho e Educação na Modernidade Líquida Reflexões Sobre Práticas Pedagógicas Contemporâneas. **Editora Unijuí**, Ano 31, nº 98 Jan./Abr. 2016.

BAUMAN, Z. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 2007.

BAUMAN, Z. **Capitalismo parasitário**: e outros temas contemporâneos. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BAUMAN, Z. **Sobre educação e juventude**: conversas com Ricardo Mazzeo. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BAUMAN, Z. A educação deve ser pensada durante a vida inteira. Disponível em: <https://www.fronteras.com/leia/exibir/zygmunt-bauman-a-educacao-deve-ser-pensada-durante-a-vida-inteira>. Acesso em: 13 jun. 2022.

FURLAN, C. C.; MAIO, E. R. Educação na Modernidade Líquida: Entre Tensões e Desafios. **Mediações**, Londrina, V. 21 N. 2, P. 278-302, JUL/DEZ. 2016.

LIMA, J. F. L. A pedagogia e o cenário pós-moderno: sobre as possibilidades de continuar educando. **Educere et Educare: Revista de Educação**, Cascavel, v. 5, n. 10, p. 1-12, 2010.

MANFIO, J. N. M.; OLIVEIRA, A. M. S.; OLIVEIRA, J. C. (2016) Educação líquida? Críticas e contribuições de Bauman para a formação humana. **Anais do III Seminário de Educação, Conhecimento e Processos Educativos e I Encontro de Egressos PPGE-UNESC**.

NUNES, L. B.; MARTINS, R. “Esse é o jeito rebelde de ser”: produzindo masculinidades nas salas de aula. **Revista Digital do LAV**, v. 8, p. 3, 2012.

Portela, L.; Meirinhos, M. (2021). Reflexões sobre os desafios da educação na modernidade líquida. In João Grácio, João Vítor Torres, Maria Cristina Lima Paniago, Maria do Rosário Rodrigues, Miguel Figueiredo, Miriam Brum Arguelho (Org.) **Anais do Encontro Cultura Digital e Educação na década de 20. Setúbal: Instituto Politécnico.** p. 85-91. ISBN 978-989-53045-9-2

STEINBERG, S. R.; KINCHELOE, J. L. Sem segredos: cultura infantil, saturação de informação e infância pós-moderna. In: STEINBERG, Shirley R.; KINCHELOE, Joe L. (Orgs.). **Cultura infantil: a construção corporativa da infância.** Tradução George Eduardo Japiassú Bricio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 9-52.